

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Vivências revisitadas: o instituto de letras e artes (1969-2010)

Rafaela Inácio Jaques, Universidade Federal de Pelotas
Priscilla Mont-Serrat, Universidade Federal de Pelotas
Úrsula Rosa da Silva, Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente texto trata do trabalho realizado dentro do projeto de pesquisa Revisitando o Instituto de Letras e Artes (1969-2010), trazendo a experiência de docentes que passaram pelo atual Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (RS), abordando histórias e buscando enfatizar práticas pedagógicas e cruzamentos entre vivências e o ensino da arte. O caráter biográfico é uma possibilidade de apresentar o processo de ensino a partir do olhar do professor, parte importante no processo de formação. O texto apresenta trechos de transcrição de entrevista do professor José Luiz de Pellegrin, afim de pontuar aspectos de sua vida que influenciaram em suas linhas de trabalho como docente.

Palavras-chave: ensino da arte; formação docente; artes

Esse escrito tem o propósito de ser um relato de experiência, que se desenvolve a partir do projeto Revisitando o Instituto de Letras e Artes (1969-2010), sob orientação da prof. dra. Úrsula Rosa da Silva, através da bolsa de iniciação científica CNPq. O projeto objetiva contextualizar historicamente e valorizar as histórias de vida e de ensino dos docentes dos cursos de artes da Universidade Federal de Pelotas. Pretendendo retomar a produção dos professores no sentido de trazer visibilidade para as suas concepções pedagógicas dentro do ensino superior.

A pesquisa se vale de referenciais teóricos como Marie-Christine Josso, que trabalha com o método biográfico, mostrando como as histórias de vida são fundamentais para a constituição do processo de formação. Na obra Experiências de Vida e Formação, ela apresenta alguns tópicos que desenvolveu em sua tese de doutoramento (publicada em 1991, com o título Caminhar para Si). Para Josso, o enfoque por histórias de vida tem dois objetivos: evidenciar o modo como o pesquisador modifica seu posicionamento ao se envolver e aprimorar a metodologia de pesquisa-formação vinculada a uma história de vida; e constituir um novo campo de reflexão, abrangendo a formação e a autoformação (2010, p. 31).

O texto apresenta esse encontro que acontece no dia 14 de junho de 2018, na sala da pintura do centro de artes (ufpel/pelotas), onde passei cerca de 2 horas ouvindo alguns dos acontecimentos mais marcantes na vida do professor José Luiz

de Pellegrin, com o qual tive a possibilidade de ter contato a partir das aulas de análise da produção artística. Nesse encontro, registrei o áudio do que foi dito por ele e posteriormente transcrevi a entrevista para elaborar um texto a partir da fala dele.

O processo de entrevista é uma parte importante da metodologia pois tem como objetivo evidenciar a trajetória de figuras importantes que atuam e atuaram em sala de aula e fora dela, fazendo parte da história do curso de artes visuais. É interessante também entender de que modos diferentes linhas de trabalhos são decorrência de experiências artísticas pessoais, a maneira como se estabelece a relação entre ser professor e ser artista e como tudo isso se mistura.

Inicialmente, ele contou sua experiência antes de entrar na universidade nos anos 70 como aluno, e a maneira como seu percurso foi permeado por atravessamentos e deslocamentos, da saída do interior ao contato com diversas áreas de arte, como teatro e dança. Teve contato com a atividade religiosa e quase foi padre por influência da família e do meio em que vivia.

Fala da importância do trabalho com a juventude rural nos anos 70, em Santa Catarina, onde se formou técnico agrícola. Nesse período fazia álbuns seriados, que ele explica como eram feitos e de que maneira essa produção o direcionou até Pelotas, fortemente influenciado pelas pessoas que convivia e que tinham contato com a prática artística. A chegada em Pelotas e a comunicação com a cidade se deram de maneira fascinante. Já havia o contato com paisagens de arquiteturas antigas do período em que morou em Laguna/SC. Iniciou a graduação em 1976, e a relação que estabelece com a universidade mistura a curiosidade e a experiência com a prática artística, direcionamentos de professores que foram determinantes para o caminho de Pellegrin como docente. Sobre isso, cito uma parte da transcrição da entrevista, onde ele diz que:

> Aprendi muito a viver. Acho que isso me ajudou muito a ser professor, a lidar com aluno, a buscar material. eu caí num lugar com toda dificuldade do mundo, mas também com um desafio fascinante. Eu nunca tinha visto tanta arte na minha vida. Fiz escola de dança, fiz coral. Uma formação geral em arte em todas áreas. Isso me alimentou, deu sentido pra minha vida. (PELLEGRIN, 14/06/2018)

Em 1987, ingressa no mestrado na Universidade de São Paulo (USP), com orientação da prof. Dra. Regina Silveira, em que ele diz ter adquirido a noção de trabalho, do artista que está dentro do ateliê produzindo. Citando ele “nos anos 90 quando voltei, na belas artes, tentei adotar um pouco essa outra postura (da experiência no mestrado)” em contraste com o que havia visto no período de 82-86 em que deu disciplinas conjuntas com outros professores, onde havia uma fragilidade na formação e ausência de metodologias que envolvessem livros de arte.

Sobre a metodologia utilizada, relaciona a experiência prática com a busca por um entendimento de que as artes visuais contemporâneas possuem um mercado que conta com elementos além do artista, mas que passam pelos espaços expositivos, por curadoria, por material teórico que possa conceituar o trabalho e dar relevância para o mesmo. Nos anos 80-90 esteve em contato com diversos artistas do cenário nacional.

> Acho que deu uma confiança pros alunos, porque falo muito da experiência, as galerias produziam muitos catálogos nos anos 80, eu recebia dos meus amigos, quando ia pra São Paulo voltava com uma mala de catálogos. Eu fazia uma procissão de ir nas galerias e pegar 5 catálogos de cada galeria. Nas férias, recolhia tudo isso, levava na minha mala. Os catálogos de arte, os livros de arte brasileira não existiam. Meu papel de dividir o conhecimento foi muito esse. De trazer muito dessa realidade, porque tudo que a gente via era o que estava nos livros e era só informação antiga, não tinha informação do presente. Então comecei a trabalhar muito com o presente. 1995 fui embora, voltei em 99, quando voltei (até aí não tinha tcc), a gente pediu pra vir trabalhar aqui nesse prédio (atual centro de artes) porque a belas artes era pequena a não conseguíamos fazer trabalhos grandes, não se tinha experiência, diálogo com arquitetura. (PELLEGRIN, 14/06/2018)

Apesar de se lidar com registros doados, muito ainda da história se encontra dentro do próprio centro de artes, dentro dos ateliês, nos antigos alunos e professores. É possível perceber também a mudança na autoformação dos docentes, e uma busca constante por uma atualização que traga ao aluno, uma noção de realidade da área em que irá atuar.

Pellegrin citou a diferença entre o aluno que ingressavam nos anos 90 em comparação com os alunos de agora, uma grande maioria jovens que tem essa

oportunidade através da nota do enem, o que amplia o acesso de pessoas que antes não imaginavam estar dentro de uma graduação. Muito diferente de outras áreas, quando nos formamos o mercado que se abre para nós é permeado por dificuldades.

São importantes essas relações com professores, que também são artistas, e podem compartilhar sua trajetória, e mais do que isso, resiginificar constantemente o lugar em que estamos inseridos, e buscar reflexão. O artista trabalha, dentro de um ambiente por vezes não convencional, e precisa estabelecer por si só uma rotina de trabalho, e isso vem de uma constante desvinculação de posições hierarquizadas para perceber os professores não como ordenadores, mas como ampliadores de uma capacidade que se adquire através do fazer.



Figura 1 - Pellegrin e alunos montando exposição na Laneira, Pelotas-RS. 2014. Foto: Adriani Araújo



Figura 2 - Montando mostra de trabalho de conclusão de curso de seu orientando Flávio Michelazzo. 2015. Foto de Flávio Michelazzo.

Referências

ARQUIVO DO CENTRO DE ARTES. UFPel, Pelotas.

BARBOSA, Ana Mae. *História da Arte-Educação*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

_____. *A imagem do ensino da arte*: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. *A formação do professor de arte:* do ensaio ... à encenação. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação.* Coleção Pesquisa AutoBiográfica: Paulus/EDUFRN, 2010.

PELLEGRIN, José Luiz de. *Relato.* Gravação de áudio, não publicado, maio de 2015.

SILVA, Ursula R. da; LORETO, Mari-Lúcie. *História da arte em Pelotas*: a pintura de 1870 a 1980. Pelotas: EDUCAT, 1996.